

[POESIA]

A NOITE SEM TEMPO

Roberto Nicolato

[] []
[OUTRAS]
PALAVRAS

Biblioteca
Paraná **B**

ABC
projetos culturais

A NOITE SEM TEMPO



Ficha Técnica

Autor

Roberto Nicolato

Coordenação editorial

Alessandra Pirroncello Bucholdz/
ABC Projetos Culturais

Coordenação de produção

Arte Telúrica
Conceito – Gestão Cultural
Dali Projetos Criativos

Revisão

Luiz Fernando Cheres

Supervisão gráfica

Dyego Marçal

Editoras assistentes

Ana Maria Bourguignon de Lima
Thaís Cunningham Gomes

Editado por ABC Projetos Culturais

Rua Sebastião Marcondes Ferreira, 22 – Oficinas
Ponta Grossa/Paraná – CEP 84.035-610
e-mail: adm@abcprojetos.com.br
WhatsApp: (42) 99839-4207
@abcprojetosculturais

N638

Nicolato, Roberto
A noite sem tempo/ Roberto Nicolato. Ponta Grossa: ABC Projetos
Culturais, 2025. Coleção Outras Palavras.
62p.

ISBN: 978-65-86870-90-9 – 2ª. ed.
ISBN: 978-65-86870-75-6 (e-book) – 1ª. ed.

1. Literatura brasileira. 2. Poesia. 3. Amor. 4. Morte. 5. Infância.
I. T. II. Coleção Outras Palavras.

CDD : B869.2

Esta obra foi selecionada pela Secretaria de Estado da Cultura do Paraná (SEEC-PR) no Edital de Concurso nº 005/2020, Outras Palavras – Prêmio de Obras Literárias. A editora ABC Projetos Culturais foi escolhida pela SEEC-PR, por meio do Chamamento Público nº 011/2023 - Edital de Apoio à Publicação de Obras Literárias, para realizar a publicação, conforme critérios previamente estipulados. O conteúdo publicado na obra é de inteira responsabilidade de seu(s) organizador(es) e/ou autor(es).

A NOITE SEM TEMPO

Roberto Nicolato

SUMÁRIO

PRESCRIÇÃO	7
ESSE HOMEM	8
AS ONDAS	9
GAIVOTA	11
NO LIMITE DESTA LUTA	12
FINA FUMAÇA	13
INFÂNCIA	14
OS DEUSES	16
O PADRE	17
A MEMÓRIA REVISITADA	18
NO LIMAR DA PRIMAVERA	20
CONSPIRAÇÃO	21
A NOITE SEM TEMPO	22
CANÇÃO PERDIDA	23
CAVALOS	24
O HERÓI	25
TERRA À VISTA	26
HUMANA NATUREZA	29
ENTÃO FEZ-SE O HOMEM	30
NO MAR COMO NA TERRA	32
DE ONDE TUDO PROVINHA	34
CAMINHANTE	36
BATISMO	37
ANÔNIMOS NA PAISAGEM	38
O JARDIM JAPONÊS	39
CANTO NOTURNO	40
COLIBRIS	41
ETERNO BICHO	42
OS GATOS	44
O ARTÍFICE	46
UM CORPO	47
MIRAGENS	48
OUTSIDER	49
ELEGIA	51
PROMESSA DE FELICIDADE	52
REALEZA	53
UM DIA QUALQUER	54
MÍNIMAS II	55
O SONHO APAZIGUADO	57
ETERNO RETORNO	58
CORPO QUE NÃO PRESTA	60
SOBRE O AUTOR	61
SOBRE A EDITORA	62

Ao L lio, companheiro de longa e saudosa jornada.

*A isto se chama destino;
estar em face do mundo,
eternamente em face.
(Rainer Maria Rilke)*

PRESCRIÇÃO

De manhã, ao acordar,
tome uma dose de
amor absoluto.

Misture bem ao
conteúdo trágico
da paixão, dos bardos.

Leve a solução
à boca, levemente,
conceda o beijo
da última promessa.

Tome a cápsula
necessária, três vezes
ao dia, à noite apenas uma
com a água pura da fonte.

De preferência antes
de dormir e sonhar.

ESSE HOMEM

No outono, ele inventava valsas
só para ouvi-las na madrugada.
Quem era esse homem?
Perguntavam os mamulengos,
sonolentos nas praças.
Era estranho o olhar.
Era misterioso o andar
E o apressar das falas.
Na primavera, semeou versos
em segredo, para a mulher amada:
*"Amar é estar livre para poder
estar ausente na mais
completa inutilidade.
É estar só não estando.
É viver sozinho estando, junto...
Perder-se onde tudo se encontra;
viver a existência que se
vive, unicamente...
É estar pleno de nada,
vazio de alma, de razão".*

AS ONDAS

O barulho que ouço;
do oceano um ritual
de palavras; areia que se
move, água que se dobra,
pesada, na escuridão.

Parece vir do além-navios
esse desacerto, de som atávico
aos ouvidos, das conchas raras,
cantam os pássaros da solidão.

Me sacodem em torvelinhos
o canto das naus; memórias
flutuam nos sonhos, os deuses
antecipam o ato da criação.

A lua nesse dia escondeu,
crescente, a face de Vênus.
Estrelas me olharam do céu.
As ondas, eternas, traçaram
o voo inaugural dos atobás.

Tão perto o barulho do mar
de uma foz; o corpo ausente,
o ouvido na noite, agora atento:
o orvalho, um silêncio no ar.

Tudo é vário, compassado:
um grilo se explode na luz,
uma coruja dorme no telhado,
uma raposa caça no quintal.
Meus bichos noturnos...

O barulho que ouço, se vem
do mar já não duvido, ondas,
na noite secreta, torvelinhos...
Escoa, no silêncio do coração,
uma cantiga suave ao longe.

Morcegos navegam na solidão,
colibris dançam na primavera.
Se enrola o mar, toca meus pés
de desejos, como navios,
apaziguados ao largo da paixão.
Eu sei, a noite segue em silêncio:
desatam correntes, se enrolam...
Do oceano, os sonhos de Netuno,
ao som da lua, querendo amar.

GAIVOTA

Queria ter um par de asas,
uma asa-delta, que seja,
enseja um dirigível, planador,
e aterrissar em órbita,
em rumo planejado no coração,
como uma gaivota beijar
teus lábios perdidos na areia,
tocar teus seios, abraçar
este corpo que exposto,
ao amor nesse cosmo,
me concede o prazer
de nas águas mirá-lo.

NO LIMITE DESTA LUTA

No limite desta luta,
o corpo se dobra frágil,
no equilíbrio trágico
das pernas.
Ranger de dentes
na próxima gula.

No limite desta luta,
o beijo na virilha,
o orgasmo dos pelos,
enredos, os olhos
retráteis. São faróis
que iluminam ilhas.

Me abandono lasso.
Planície em que me
deito na sola
dos teus sapatos.

No limite desta luta,
fugaz e surda,
um átimo aprisionado.
O fim último, nada, enfim.

O afagar nas costas,
o beijo solícito
nas orelhas.
A competição do espaço.
Absorção do elemento
natural de tua arquitetura.
Voo ao chão, saciado...

FINA FUMAÇA

Estou só. O pensamento corre, discorre,
refaz um caminho aonde não se retorna.
Só um olhar discreto, perdido nas cinzas da paisagem.
O coração brada, pulsa desordenado.
Quando se vive do passado, o presente é uma fina fumaça.
De costas para o futuro, alguém lhe dá um pontapé.
Duro e certo.
Não há como não sentir a náusea de uma possibilidade
próxima e derradeira.
Aqui estou. Incólume depois da tempestade.
O rosto se aquece à procura do sol.
A terra está pronta, grávida.
E aqui me encontro aventureiro.
Sobrevivo e posso de novo fazer brotar um sonho.
Ver nascer a realidade tênue e perigosa...
Estou só, pensando o quanto é desnecessária essa voz,
esse gesto que se perde no meio de tantos.
Mas aqui estou, confesso.
A tempestade lavou os prédios.
Ameaçou pequenos animais, invisíveis.
Lavou essa torrente de enganos.
Vegetais movem de prazer.
Perfazem um caminho natural, inacessível.
A luz entra pela janela.
Aquece a cama ainda úmida do teu sexo.
Da janela, um avião rompe o céu, solitário,
por uma estrada invisível, seguimos.

INFÂNCIA

Era uma vez uma casa,
um desenho rabiscado na escola,
portas de finos traços, a lápis de cor,
janelas pintadas, ao tímido olhar.
No interior, bem acima a cumeeira,
o pai trazia a enxada às costas; ao entardecer,
a mãe cantarolava em casa, a costurar os dias.
Portas e janelas se abriam ao novo mundo,
para no vento a poeira entrar.
Da estrada, estreita, também de lá advinham
forasteiros, ciganos, artistas, pedras de amolar.
As paredes do quarto cercavam
o que de fora não podia, ele menino
matutava, passarinhos nos galhos a sonhar,
rodopiavam andorinhas, a mãe a chamar:
Vem menino espiar o dia!

No quintal, a bomba trazia lá do fundo
uma água de beira, aos solavancos.
Água fresca na garganta,
no corpo embalando, aquecendo...
Sonhava o menino, se esquecendo,
de mirar o arco-íris na bacia.
Se a noite era de vento, chuva,
pensamentos, iluminados vão,
as rezas aos santos, aos que sabiam.
Acima da cama, penduraram
para lhe guardar um par de asas,
reinava a dúbia face, na travessia.
A serpente, da dúvida, para domar...
Lá fora a mãe a chamar:
Vem menino espiar o dia!

Na cumeeira, sorrateiro, observava
o ninho de silêncios das aranhas, répteis...
Ele nada podia com o mistério
da vida que lá em cima acontecia.
Corpos azuis fluíam vagarosos,
algo além das cobertas aquecidas,
naquele universo tudo dissolvía.
Do marca-hora, do canto triste,
os fios puxando, enovelando...
A luz frouxa criando besouros,
vespas noturnas, Crusoé, João e Maria.
Nuvens, o amor, que da janela via,
entre lençóis, o coração atento,
os olhos antecipando memórias,
cantava lá fora uma andorinha.
E a mãe, ansiosa, a chamar:
Vem menino espiar o dia!

OS DEUSES

Lhe disseram que vinham profanar o templo. Afinal era a morada dos puros de toda infância. A noite se acalentava no silêncio, até que o tilintar dos brincos assombrou antigos moradores cravados aos pés das montanhas de Minas. Era a mágica dos deuses orientais ou simples homens do povo, com ferros nas entranhas, que resolveram dar o mistério da luz apascentada?

O PADRE

Na rua deserta
de simples moradas
o padre caminha lento
em sandálias de pó.

Ele enverniza o tempo
de olhos sem brilho.

Sua igreja está soberba
entre nuvens e eucaliptos.

Beatas navegam na ventania
seus véus de solidão.

Entram no templo...
De vestes negras,
o padre continua lento,
anuncia a profecia:
a fé é profanada no milharal!

A MEMÓRIA REVISITADA

Marcas de tropéus reinam absolutas nas praças.
No jardim, sob o neon, adormece o banco da infância.
A voz repreendida, o acalanto dos fogos em explosão.
Etéreas nuvens de algodão suspensas, adocicadas.
Passam fardos, caminhantes, de lenha nos ombros,
em lençóis constipados, vibram as flores de arrumação.
Ainda desandam seus passos nas alcovas dos sobrados.
Silêncio, a noite guarda memórias vivas, expiações.
Do tempo em que Caronte desviou seu barco bêbado,
atravessando estações de medo, e rios de lama,
em busca do templo erguido ao deus cobiçado, pagão.
O outono chegou! Ouça o trovão, nas ruas lamacentas,
os pingos em presságios, sonhos que o ultrapassarão...
O desamparo é fatal quando se sabe, tome ciência,
de onde parte a flecha louca, envenenada da memória.
Não há tempo para o ritual cadenciado das formigas,
do beijo ardente, que crepitou nas fogueiras dormidas.
As ruas viraram estações de medo, pandemias,
um trem desgovernado o alimenta com a boca voraz.
Transporta para outros séculos a voz agora embargada,
os ninhos refeitos, o amor que acende e desgoverna
sem razão, é só pecado o que lhe assenta na alma.
E vai-se nutrindo de pensamentos, falsos, incandescentes.
É que nessa praça dormem os gatos de olhos em brasa,
a brisa do verão beija os lábios da divina promessa.
É que nessa terra sorve a chuva com gula e prece,
e agora revelam desfechos de alucinadas paixões.
Queria que o mundo adormecesse em si a fera,
repousasse no eterno Deus os respingos da memória.
Mas andrajos nos passos dos anjos cobiçaram razões,
incendiaram o paiol de pólvora com o rito ancestral,
em arcabouços de prata romperam as sôfregas ilusões.

Barcos singraram entre mares, massacrando flores,
o sonho sonhado, essa conquista que Alexandre deixou.
Restaram pisos de concreto armado no vão do pesadelo,
em vãs filosofias, o que nos legou o sábio de Estagira...
E assim passaram infintos homens nessa terra desolada,
com as marcas dissolvidas na primeira água da chuva.
De pequenos desejos que o pesadelo noturno encarrega,
de tocar novamente esse reino, os bancos da infância,
esse chão de vespas, essa chuva nostálgica, imaginária.

NO LIMIAR DA PRIMAVERA

Porque um dia rasgamos
a máscara do medo
e abrimos comportas.

Uma queda d'água disparou febril pelas vãs consciências,
no ventre que desabou, lasso.

Era o limiar da primavera!
Na bolsa aquosa nadavam fragmentos de pura rebeldia!

CONSPIRAÇÃO

Vivemos num tempo infindo
porque o instante é
artifício de contemplação.
Esse tempo que no corpo
tudo molda: árvores,
avenidas, constelações.

Vivemos esse tempo sem receio,
porque é dele a vida,
sinuosa marca de poeira ao chão.
Esse tempo próprio, aventureiro,
que a tudo consome.
Jovial, como se eterno fosse,
local de passagens, conspirações.

A NOITE SEM TEMPO

Quebram-se os cristais na noite sem tempo,
sem tempo de morte, sem olhar que fascina
fez a morte, a sorte de quem acredita,
nesta hora em relógios, sem pulso, só ventania,
eles chegaram em bandos, não eram bantos,
santos, de argolas, vestais...

Mitigaram promessas, cuspiram nas latrinas,
amordaçaram os velhos, cantaram hinos,
avacalharam com as fantasias,
os palhaços do caos, em ruas de silêncio,
gritaram seus deuses entre lenços brancos,
mancharam de vermelho os lençóis,
acordaram com o som das trombetas
a vizinhança do ódio e do rancor,
a rosa que na água se benzia,
o beijo no celeiro escondeu,
a flor que da lapela desabou,
mataram os pássaros de alegoria,
assassinaram poemas,
os balões, inflados, dos meninos murcharam,
eles chegaram de repente, os donos do alvorecer,
os sem validade, os de pátria, párias, e falsa utopia,
profanaram o templo, o templo sagrado,
em valsas, cantorias, encenações...

Na noite sem tempo, calaram os pássaros,
os homens e seus insuspeitáveis acordos,
só se ouvia o trote dos cavalos, gemido sufocado,
nos porões da inconsciência,
a inocência do mundo deparou,
riscaram a página da história com sangue,
marcas da prisão, vergonha e medo,
eles chegaram no último silêncio,
o tempo badalou horas do instante desconhecido,
e ninguém mais ouviu pois, de súbito, parou.

CANÇÃO PERDIDA

O ruído dá vida
fere a lâmina dos olhos
dos homens que cavam buracos nas ruas.

Esses homens de roupas sujas,
que sobrevivem na tarde
e curvam no tempo.

O ruído da máquina,
grave dimensão sinfônica,
abafa, num grito mudo,
a mente mecânica, submundos.

CAVALOS

Galopam os cavalos, arredios, trôpegos no vermelhidão do alvorecer; trotam os cavalos da madrugada, despertos moradores, cômicos do dever; os cavalos da arbitrariedade, revoltam celas, traiçoeiras, farreando pelas alas, assombram; com os antolhos velando, sorridentes nas estradas charreteiam os cavalos do amanhecer; galopam sorridentes, relinham humores, os cavalos ébrios, de insensatez; vagam, cambaleiam, errantes os cavalos trotam nas encruzilhadas, arreiam pelejas; suportam, carregam no dorso, os cavalos que galopam, arredios, trôpegos, do alvorecer...

O HERÓI

"Eis-me aqui desnudo,
homem dos primórdios,
à beira de qualquer abismo,
à espera de qualquer motivo,
galgando degraus desse mar,
pisando o assoalho da barbárie,
as velas destroçadas, em pó.
Eis me aqui, poente, deserdado,
herói sem batalha, sem cavalo,
canhões, ogivas ou granadas,
à espera de qualquer abismo,
qualquer motivo, instinto,
que me leve ao vórtice,
desse eterno abrigo".

TERRA À VISTA

De tal razão que eu celebro o amor
como aquele que nunca dormiu cedo;
como aquele que sofreu no silêncio.
Razão pela qual eu escrevo o amor.
Esse estranho rio, que corre manso,
sem muito querer. Eu celebro o
amor dos homens pelos animais.
Borboletas douradas, troncos de jacarandá,
que dão suporte ao enigma, à perfeição...
Eu celebro o amor das andorinhas,
dos gaviões, abutres e orquídeas da
grande mata oceânica, atlântica.
Que guarda rios, cascatas,
que dá morada aos tucanos,
às araras e suçuaranas.
Que mata a sede da anta
e das capivaras de paixão.
Por tal razão celebro a natureza,
grande mãe, que dá morada ao mistério
o fauno e a sua prece...
A chuva que desaba, de tão farta...
O fogo, em arcadas mãos.

II

Eu revelo imagem primeira.
Em devaneios. O caos.
O pássaro de fogo.
A nova linguagem!
Me ouça neste instante em que
movem anônimos os sentidos.
Ouça este rio, o imediato,
a primavera que desperta,
esses gatos noturnos.
E esta noite sem tempo.

III

A planície, interminável, se estende.
Acolá uma, outra montanha a quedar a vista.
O gado segue rotas do sol.
Esta é uma terra de sombras, de extintos vulcões.
Nas escarpas de densa mata,
samambaias gestam, nos vitrais se dobram...
Essa é a terra de chão desconstruído.
De árvores devastadas, fogo impiedoso,
ventos úmidos, vasos de fragmentos.
Quem és tu, cidade encoberta, onde
entre torres, o sol descansa, em alegoria?
Dantesca, a visão do pássaro que passeia...
Só tamanduá lhe serviu de guia:
Aventureiro, o pintor da Companhia.

IV

Pelo teu ventre
ele adentrou,
em busca de ouro
nas entranhas.
Varreu teu chão,
rasgou a
densa mata,
o forasteiro
abriu fendas
no teu ventre,
devastou tua alma,
tua morada.
Sem pedir licença
ele entrou...

V

Irromper
nesse silêncio
apostulado.
De homens
sacros.

Amalgamar
nesse ofício,
moribundo,
nas celebrações
em navios,
de negros
acorrentados.

Deleitas,
escorregas
em desajeito.
Servis,
os apadrinhados.
Terra de colonizadores,
colonizados.
Tristes destertos,
desajustes, desejos de
ANJOS TORTOS

VI

Eles nos descobriram
e cobriram-nos
nossos corpos
com o véu
da piedade,
dor e fé.
Com sua verdade
e pudor.

HUMANA NATUREZA

*O homem em seu fazer natural descobre dia a dia
o medo inscrito em cada rosto
companheiro indaga aos céus e se surpreende animal
gemendo a alma no
silêncio divino imposto filho das circunstâncias cobra o seu
fazer não feito o seu
tempo não passado com a estranheza de um galho podre
prestes a tombar, inválido.*

ENTÃO FEZ-SE O HOMEM

Então fez-se o homem.
Do barro, Ele criou...
Podia ter-lhe dado asas,
preferiu pernas e braços
e foi o que lhe bastou.

Um corpo insone
e uma sombra guia
ao homem engendrou,
para divisar paisagens
e lhe fazer companhia.

Sobre dois pés se firmou
o homem que a tudo via.
Caminhando a esmo,
rompendo horizontes,
na mala, desejos guardou.

Um ninho para acasalar,
o fogo nas noites frias...
Deu-lhe fé e esperança
para dissipar tormentas,
o mundo que conquistou.

Bastava-lhe só uma cara,
outra o homem moldou...
Era o que precisava:
Esconder a sua alma
da inveja, dor e rancor.

A máscara agora grudada
reina absoluta na face.
Alheio ao destino, tece,
joga a sorte nas cartas
e do Arcano se esquece.

No rito insano, cavalga,
ultrapassa os séculos...
O homem segue na estrada,
rende-se às preces, ao vinho,
sabe-se rodeado e sozinho.

NO MAR, COMO NA TERRA

O que na terra enreda, roda, enrodilha,
na água do mar desliza a remo, a sotavento,
à dobra das velas, dos mastros no compasso,
na invisível estrada segue o pássaro em desaviso.
O capitão Ahab verga o leme ao sol ocioso,
nada compreende, no seu universo ultramarino,
da caminhada ancestral em que retornam vestes,
os versos, das bigas que desfilam pela Roma Antiga.
O barulho atroz desse navio é o que o apavora;
laços que atam, cordames que rompem e
na fronteira movediça revela-se uma nuvem branca,
onde o mar lambe o céu, longe da terra.
Nada sabe das galés de negros acorrentados,
do mar agônico, vermelho, dos cachalotes,
mas do gemido das jubartes, se acasalando...
Não tarda desaba uma tempestade de desejos,
de saber, ele consulta o astrolábio: é lua nova!
O homem do mar tem a medida das coisas,
amplo como universo, vaga, flui o vagalume,
como farol de neblina acende a alma solitária.
O homem da terra detém-se no próximo passo,
reina no pó da estrada, nos rios, nas entranhas...
No coração das trevas, intenta a razão civilizatória,
com a morte, a fadiga e a mata que o alucina.
Silente, ao som dos tambores, ele roda, navega, afaga.
O que na terra é seu compasso de espera, adivinhações.
No mar é suave borbulhar das vagas.
O homem que é da terra tem mãos voláteis, geniosas,
move volantes de plásticos, retoma olhares,
rasga a noite de olhos vidrados, quadrangulares,
risca o céu em boeings bêbados nas alturas.
O homem do mar tem o coração ressequido de sal.

De sol a máscara já lhe adere ao rosto, outro homem.
Cada porto um destino, cada colo um breve abrigo...
Ele não sabe da viagem de regresso de Odisseu,
nem das virgens em palácios na Isla del Sol.
Perambula por uma cidade nova, de tecnologias,
pelo ritual que a tudo consome, devora.
Qual lobo noturno desfila por calçadas de mármore,
por galerias que despejam a multidão febril, ociosa.
Do futuro, só a ilusão da breve onipotência, a ciência...
O homem que é fruto da seminal ternura, fantasiosa,
ao que desperta, desaba como folhas secas no galho,
navega em círculos ao cortejo de peixes naufragados.
Basta ver que não há sombra na terra ao meio-dia,
para ampará-lo no mais desperto deserto do seu desejo.
No mar, só as marés lhe devolvem seus restos inglórios.
Na terra, as árvores permanecem, ao que ele transforma.

DE ONDE TUDO PROVINHA

Assim que o barco
inventou o oceano,
acordaram as gaivotas
do sono profundo.
Asas lançaram ao mar
um leque branco,
em saudação.

O sol pôs em movimento
a roda do templo.
No silêncio, indígena cantou
o hino da profecia.
Um camaleão mirou o caos.
Érebro, como o pássaro
na manhã, acordou manso.

Na praia amoricana,
Rimbaud dançou o sabá,
brincando com as vogais.
Murilo instaurou
um piano no caos.
Na areia em chamas,
se fez em verso a poesia,
ouro em prosa, o rei,
em prata, a rainha.

Assim que o sol
iluminou a terra,
cavalo marinho
fechou no ventre
uma centelha viva,
de amor ao rebento.

Um cortejo ordenado
de nadadeiras ao mar
seguir o rastro
das andorinhas.

Assim que o sol desceu
do pedestal e
iluminou a terra,
dançaram as mandaçaias
nas colmeias,
rugiram os tigres no Saara.
Irrromperam nos portais as tribos,
os curumins saíram à pesca.
Na aldeia fantasmal,
a árvore da vida conclamou
o espírito da sapiência,
a montanha, a grande fé.
Uma roseira se entrelaçou
aos céus, ao horizonte,
de onde tudo provinha.

CAMINHANTE

PARA BASHÔ

Está decretada a ostensiva conspiração:
ao poeta, na sala, o abajur exhibe a luz revoltosa,
a televisão, apagada, sacaneia acontecidos.
No quarto, o computador espalha letras,
ao chão se espatifa, perde a memória.
Facas afiadas, na cozinha, fiam silêncios.
A gata enlouquece e arranha-lhe as pernas.
O tempo engole os sentidos. É hora da despedida,
dos móveis comprados à prestação,
da viola que nada toca, dos bibelôs de privada,
das plantas de encenação. Só o relógio dá “bom dia”!
É primavera, a natureza tece seu último refúgio...
É hora de despedir dos amigos, da sua morada.
O jardim ficará sob o domínio dos girassóis,
os livros trancafiando palavras no armário,
o fogão apagado, a cama no quarto encolhida.
Dias e noites na estrada, o poeta segue estrelas,
a montanha azul como paragem derradeira.
Abelhamirins dão-lhe boa sorte, amanhece...
Ele canta uma canção de despedida:
“Velha construção de fumaça...
É natural que o dia se faça”.
O poeta caminha pela estrada infinda.
Noites e sóis, casas ao norte, ao fim da estação.
Beijará águas irmãs, as pedras do reino,
notícias lhe darão o agricultor e o marinheiro.
Só a sua sombra e a lua como companhias.
O poeta é homem de fé. Longos serão os dias!

BATISMO

Esta paisagem singular
deixou um rastro de vida,
flor que é saudade, cristais nos olhos,
veredas que a tudo animam.

Ali, ao batismo da água pura,
na irmandade dos peixes,
o corpo sereno na correnteza seguiu
a alma insaciável, a paz dos dias.

Nessa natureza que é templo,
onde Narciso dá de comer aos lobos,
onde a flor dos manacás se oferece,
ali verti os ares como o grande pássaro,
a tudo que nascia, crescia...
Bromélias na árvore retorcida,
Amores-perfeitos em trilhas infindas.
Eu que, um dia, aos mares viajei,
nas cidades fui ao inferno, insone...
Branca lua saudou-me,
e o rio como um vulto que insinua.

Na cachoeira, como turbilhão,
as lágrimas verteram,
banharam as aves inclinadas ao vento,
a saudade abriu-se em flor,
o mundo em mistérios...
E, assim, atravessamos a
branca estrada de quartzos.
Infinitas pedras, multicores,
em teus olhos refletiam.
Só a lua, agora, em companhia.

ANÔNIMOS NA PAISAGEM

Manhã. A nevasca rompe o silêncio
dos passos do homem, alheio ao destino.
Marcas no veludo azul de uma cadeira.
Na varanda, a gata espreguiça, fica imóvel.
Metamorfoseia-se, finge que é esfinge.

Da vidraça sonha a natureza ociosa.
Chovem formas brancas!
A criança volta-se como um
caracol, ensimesmada na carapuça.
Na quentura se move ainda envolta
No líquido amniótico, ela fecunda.

Simples arquiteturas de tábuas,
vibram retângulos do céu aos olhos,
pousada no teto uma jiboia
busca a fria luz de uma gaiola.

Lá fora, a silhueta do caminhante
perde-se na memória: olhares se voltam.
Operários seguem tranquilos...
Acenam! Na anônima paisagem sinuosa.

Olhinhos retribuem, no frágil aconchego.
O universo se enrodilha no mistério.
Nada é testemunha a não ser
o galo que indica a rota,
torres que desabam do céu,
o silêncio que reina na manhã chuvosa.

O JARDIM JAPONÊS

Pedras disformes se chocam.
Seixos. De musgos, se alimentam.

Brincam entre cubos, pirâmides,
os círculos de fogo...

Árvores, gêmeas, germinam
entre boninas e lírios brancos.

A água goteja em planos descendentes!

Longe se ouve a aranha tramando...
O espinafrear de asas, incertas.

Frágil é o jardim para o desavisado pássaro.
Ele invade territórios, o ninho das orquídeas.

Cerejeiras estão em flor!
É primavera no coração de Bashô!

O sapo salta fora d'água,
torvelinhos se formam...
O rio se enche de barrigudinhos.

A água do rio corre, no rio-tanque,
o Buda brinca de esconde-esconde,
aos olhos de quem o oriente...

No jardim de formas sinuosas
em desenhos geométricos,
gestam tímidas bromélias.

Nele, a natureza faz festa:
bate o tambor,
acorda a floresta,
ao som do taikô!

CANTO NOTURNO

Não soube da hora em que o sono desandou,
quando a noite caiu malévola de morcegos,
sugando o néctar na fonte do beija-flor.

Este silêncio é o que a noite atroz me guarda:
O cicio dos grilos, o canto da coruja de outrora.
Trôpego desejar. A solidão que a tudo devora.

Árvores tombam ao vento. A noite desfolha palavras.
O homem guarda segredos no cofre da memória.
A rua vira estação do medo num tempo que se esvazia.

O galo do amanhecer ainda não cantou.
Uma chuva desaba impiedosa. Só o coração bate, aflito.
Vai-se a noite, perde-se o fio das horas.

A gata alterna patas no silêncio.
Ouve-se o roncar do caminhão de lixo, o cão
no estacionamento me revela, pois que respiro.

Por que causa deverei sonhar? Com que notícia farei
a minha devoção? Em outras pátrias, vagam acontecidos.
Estou à mercê de mim, na desconfiança dos sentidos...

Uma bomba explode na tevê, não há refúgio, oração.
Tropeço, trôpego caminho entre ruelas devastadas,
pelo corredor da minha casa, que não sei seu dono.

COLIBRIS

As aves sorrateiras pousam
nas vértebras dos galhos.
O colibri, príncipe atrevido,
toma de assalto a flor.
Tímido, preenche a tarde
em silêncios e cores.

No assombrar de asas,
suspense, dono de si,
exibe o corpo indomável.
Vara o céu célere,
invisível, em plena
metamorfose, como
se raio de luz ele fosse.

Se a flor ao encanto se dá,
ele, do néctar, prova a doçura.
Ele, dono do lugar, atento,
às saídas e aos bem-te-vis,
o colibri longe e perto está,
equilibra-se, encantado.
Nas correntes do vento.

ETERNO BICHO

Bicho, eterno bicho!
Movimentos nervosos,
na transparência
do vidro.

Bicho, misterioso bicho!
Essência primitiva dos
deuses malignos?

Semivida, nua.
Sangue azul, que nas
entranhas esconde
— segredos noturnos.

Espécie das cavernas.
Vida partida,
de remelexo fugaz,
sinal de tormenta, caos.

Parece dizer:
“Decifra-me ou te devoro”.

Amante da lua,
teu corpo não é senão o
encontro da morte e
vida ou o maior
grito animal?

Bicho de duas vidas.

Nervo sensitivo,

será teu corpo

afrodisíaco,

apocalíptico,

demente?

Parece guardar

na tua essência

toda a claridade

vivida e, por ser

tão exposta,

torna-se enigma.

Bicho, bicho, bicho,

quem o decifra?

OS GATOS

Gato,
Gato,
Gato.

O semideus,
Arrebatado
Dos céus.

Que abre
Portas para
Mercúrio,
Transmigrador
De almas.

Solitários
Se enrolam
Para o olhar
Decifrador
Do poeta.

Baudelairianos,
Se estreitam
Entre portas;
Ultrapassam
Paredes,
Pisam no
Coração dos
Homens.

À noite,
Velam o sono,
Caminham por
Telhados ao
Som da lua.

Ao sol se
Aninham
Mansos.
Os gatos da
Alquimia.

A eles tocam
Os sinos,
Rufam os
Tambores.

Rebeldes,
Afirmam a
Essência
Do mundo
Concluso,
Enrodilhado.

Fartam-se em
Lânguidas
Aparições.

Semideuses
Se juntam aos
Homens, ou
Se afastam,
Receosos
Em quase
Orgia.
Gatos,
Eternos,
Gatos.
Na tarde
De sol,
Iridescem.

O ARTÍFICE

No fogo ele engendrou armas,
instrumentos de luta, cutelos, martelos, afiou facas.
Ele mesmo foi forjado na moldagem dos corpos,
ergueu moinhos de pedras, igrejas, rastreou a rua.

Caminhou sereno em noites claras de lua,
no seu encalço um bando de andorinhas...
A mala que o carregou escondia assombros,
em rastros, a sombra de seus passos, dissoluta.

Na água ele se guardou, banhou seus olhos,
como Narciso, a face mirou, em surdina.
Em rios divididos, pescou a sorte, dourados,
nos montes, brindou a lei, leu as profecias...

Como Hipócrates, tratou almas, deu o elixir da vida,
o pé necrosado da criatura, a febre terçã curou...
Como Arquimedes, moveu a lida, a mola, a luta,
como o artífice do universo ele se compunha.

Ergueu paredes, portas sobrepostas aos segredos.
Modelou fornos da França, o pão nosso de cada dia.
Ele, Alexandre, conquistou mulheres, assoviou seu canto,
em silêncio, nos caminhos da dúvida, afrontou.

Em brasas, na bigorna soprou o barro da construção.
As labaredas lamberam, no cadinho, o sexo das matas.
No vento, sonhou o percurso da bala, em desatino...
Na mira do pássaro em desaviso, voou,
como Ícaro, mais leve que o ar, alcançou o sol,
dele se enamorou. Obreiro, moldou o ninho
para o amor tardio das saracuras.

Um cavalo o fez atravessar dois mundos, os desertos,
da casa e da rua, ele que na vida se plantou no barro,
e se irrompeu em fonte, palavras sábias, lendo sermões.

UM CORPO

Sobre a relva molhada, dorme o corpo de inexplicáveis desejos.
O homem se deita nu, sereno, na irmandade dos peixes.
Nele, pulsa a água mansa, no jogo das memórias,
dança o bicho encantado, tecendo fios de silêncio.

Há neste corpo marcas impingidas pelo tempo:
paixões, conchas de sedimentos; lembranças vagas, navios.
No mundo que jaz, insepulto, sopra o vento em pedra
na inocência dos sentidos, menino nu, de coração protegido.

A noite desce sonolenta, escala os sonhos.
Olhos abertos se fundem num ponto qualquer do oceano.
O corpo desliza nas correntes, única célula, tecidos.
Sem aviso, vertem as águas nos pés, no sexo, poço de desejos.

MIRAGENS

Sozinho, entre lembranças,
vejo passar, numa linha imaginária,
todos os lugares por onde andei...
Florestas, nuvens, o rio cor de prata
que vai desaguar não sei onde...

Sentado à beira desse mar,
Sinto a dolorosa lembrança.
O rumor da água nos pés:
o gosto salgado da água que levanta...

Sem perceber componho imagens secretas,
diante da fantasia que se abre, esplêndida;
diante da folha que fenece no mar azul,
com a esperança de que o amor só se revela,
na aventura dos que bradam a tempestade
e se jogam contra as correntes,
mesmo sabendo serem elas apenas
torrentes de sonhos, miragens.

OUTSIDER

De lugar nenhum eu sou.
Homem de poucas palavras, silente,
a observar o sol entre nuvens,
a tarde nos olhos, sem descanso.

De todos os lugares eu vim,
num raio de vento, sem pressa,
nos ombros trouxe marfins,
a lua de prata, em companhia.

Amores tive, dores sonhei...
O tempo secreto dos mortais,
o sexo, o mar e pernas nuas,
na imaginação o que se podia.

Sou o outro que a tudo esquece,
o olhar que falseia a verdade
pra bem longe, esmaecida.
Foge de mim a estrela fria.

Atento estou à cena que se move,
distante, em solitária companhia.
Tudo é desordem, caos, incerteza.
Inseto, sem asas, devora a presa.

Retalham folhas, as cortadeiras.
O filho que zomba do pai...
Destreza da mão que maneja
a espada cruel da avareza.

Quem sou que não tenho nome.
Anônimo, passeio pelas ruas,
Perfilando casas; um cão noturno
em vagas lembranças, insone.

Na tela de cinema, exhibe-se
a inútil caminhada civilizatória.
Pernas apressadas escalam pedras,
nesse infindo tempo, descaminho.

Deixe-me tocá-la agora e sempre.
A sorte, no hálito sereno da manhã,
os sinos bradam para a fé...
Porta de saída é a mesma de entrada.

Na cena musical, bolas de fogo
giram nos caleidoscópios.
Estou a remar ao contraverso,
preso, na outra margem do rio.

Nesse jogo, não há sanha, memória,
matéria de presente, só o disco toca,
retorna na vitrola o passado,
em frouxas variações musicais.

Nessa espécie matizada,
sigo, errático, imperfeito.
Que no mundo não se acha
o que se quer de respeito.

Santo, herói ou fracassado,
sigo abrindo estradas em
terras, mares, minha história
lenta, longe dos olhos refaz.

ELEGIA

Esperei por mais que o necessário.
Respirei por menos que o previsto.
Meu coração bateu o instante descompassado!
No rosto, trago as tolices dos fracos,
o empenho dos desavisados...
Quando acordei haviam me roubado
as velas que acendi aos santos.
Não havia promessas a cumprir.
Repare: há um vazio na travessia,
em travessuras as águas turvas do rio,
um barco bêbado feito em papel e lata.

Como acordar desse sonho, entorpecido?
Há uma sombra que me persegue
ao brotar do sol na outra margem.
Apresso o passo para fugir do seu enalço.
Mas ela se ajusta ao movimento das águas.
Serei cúmplice dos pássaros,
terei um dia onde pousar?
Estou lúcido como o louco da montanha,
movediço como a estrada da vindima.
Um dia retorno à infância, às brasas crepitantes,
de olhos inocentes, como rinocerontes,
aos brados, no curso fatal das tempestades.

A pele que visto é de vidro inolvidável,
desorganizo na estância em que me habito.
O beijo que roubei perdeu-se numa utopia....
Que se restaure a força das correntes,
o tilintar dos grilos nos arrozais,
a voz rouca, sussurrante, dos velhos na cozinha.
Que me abraze o fogão aceso, as lendas,
e me tragam o gato de pelo macio,
as marcas indeléveis de um arranhão na face,
o choro sem fim, a pirraça incompreendida.
Porque esse tempo, de maduro,
só me deixou recordar que um dia existi.

PROMESSA DE FELICIDADE

De vaidade és a tua matéria.
Um violão que dá adeus à serenata.
Como folhas, velejas ao vento.
Pareces viver num mundo ao contrário.
Porque és tua essa imagem,
de vidro e frágeis ondas.
Porque esta é a tua matéria estéril...
No outro lado da vida,
não há força, um imperativo que valha.
Desconheces o amor febril,
abusas do servilismo e das promessas.
Não és sequer o ser que naufragas,
ou o vício que te cegas.
Mas o olhar das aves toscas,
mergulhadas ao vento, que negas,
com o andar desnudo em pés crucificados.

Porque és uma força que amaina,
a dor que encerra e nada pode te tocar,
a não ser essa promessa de felicidade.

REALEZA

De silêncio fez seu reino.
Qualquer coisa obediente, disforme,
um muro de solidão posta ao abismo.
Um castelo abandonado,
como morada aos pássaros.

Da solidão fez a vida,
que nela não há o que conforto.
És bela e má, traiçoeira, anárquica...
Uma vida segredada, longe de tudo e do amor,
que deveras não mais o acompanha, infiel.

Prestou atenção ao mundo dos sonhos
para revelar uma causa, a derradeira.
Mas o vento trouxe a tempestade de outono.
Reinou o frio, de repente, e todos se foram,
com as aves de arribação...

Agora sozinho neste castelo,
fora do mundo, o universo de saudades,
repousa no topo do abismo,
se equilibra no penhasco do nada.
Há, sim, um silêncio que
é vento, amor destronado...

Trancado em seu reino, sem lamentos,
saúda os velhos, os cães do alvorecer,
da janela que se abre, do coração a quem
ao longe se alardeia e passa.

UM DIA QUALQUER

A luz acende a vida.
O sexo põe o homem
na sua idolatria.
A porta vermelha goza
nas paredes sujas.

Homens em silêncio.
Na imensidão da noite:
traição qualquer.

Sangra o espírito indomado
e a cegueira dos olhos
ofende a vontade.
Castram-se mil noites
na estrada azul.

Ao sul do coração,
invertem-se veias,
dilaceradas.

MÍNIMAS II

Saberei dizer sim ao vento,
às folhas que movem
ao sussurro de quem conta
um segredo ao pé do ouvido.

II

Ela, pela manhã, se espreguiça,
com a certeza de que
impõe ao mundo
sua natural presença.
Nada precisa dizer para existir.

III

Beija-flor sussurrou
ao meu ouvido.
Eram tantas cores
e o que disse imagino...

IV

Entre raízes engendra
o orvalho para outrora cair.
Mergulha no rio de pedras
o lagarto saudosista.
Meu coração norteia essa
obsessão de águas.

V

Sob a relva molhada,
deita o caçador de serpentes,
uníssonos som a sibilar seu sono.
Deitado, solitário, pulsa no acaso, insone.

VI

Demasiadas palavras
ao coração despertam
sombras de mistério
no cio lunar, dos felinos.

VII

O homem
O símbolo
O barro
Escravo
Escrevo
Embaralho

O SONHO APAZIGUADO

Naquele dia, em que me levou para conhecer a neve,
deitei sobre o manto branco frio e chorei,
por compaixão por toda humanidade aturdida.
Olhava acima, abaixo, a montanha. O espaço oco e preenchido,
os flocos batendo no rosto aquecido de sonho apaziguado.
Sábio, Ele me falou ao ouvido: "Você pode-se despedir agora
da sua sombra, dos seus pais, dos amigos, inimigos..."
Na tábua inscrito o percurso da memória, mandamentos.
"É só uma leve aragem que sopra, mas sinta...
Descanse novamente esse corpo que abarco nas mãos!
E compreenda: na brancura se fez o universo. Aqui o fim,
o começo de tudo, aqui pulsa vazio, preenchido seu coração.
Sentirá saudades dos calores noturnos, dos beijos não dados,
do sussurrar da folha de uma palmeira ao vento...
Tua semente germinará naquele chão, onde deixou miudinhos,
porque teus passos o vento apagou e no universo incorpora,
a essa imensidão de bolhas brancas a tua alma agora assenta...
Veja como essas aves se inclinam ao sol em busca de calor!
Ofereça-te o perdão, as lágrimas derrame sobre suas cinzas,
amanhã serás outro, sem dramas ou vícios que te cegam!
Serás apenas um nome inscrito numa rua deserta, caminhante,
Não estarás mais em face do universo, do que um dia lhe bastou..."

ETERNO RETORNO

Assim que o fogo devorou
a paisagem inóspita,
avançou pelos campos,
entre corpos, refazendo
o percurso original
da criação,
temente o animal
se aninhou na toca.

Assim que a água
dobrou o pedaço de chão,
alcançou a pequena
aldeia, atravessamos
lentos nessa embarcação,
juntando quem assim
se socorria de sua ira,
em busca de
outras paragens.

Assim que o vento desabou
feroz, rugindo pelas
montanhas, rompendo
nós, desfolhando asas,
nos agarramos à
paisagem inóspita,
confundindo noite e dia,
ao som de uma nuvem
que cobria a lua,
entre miragens.

Assim que a terra rompeu
o círculo do templo,
derrubou pedras,
anunciando o juízo final,
nos retornamos ao barro,
ao caos primeiro,
à ilusão.

CORPO QUE NÃO PRESTA

Se assim permito que se revele:
essa força que não se amaina,
esse olhar que não se poussa,
essa fresta na janela.

É apenas isso que se revela:
veladamente esse corpo sem espera,
essa alma que se carrega,
a girar nos círculos da escuridão
essa morte "benemérita".

CORPO QUE NÃO PRESTA

SOBRE O AUTOR

fotografia: Margareth/Studio M



Mineiro da Zona da Mata, radicado em Curitiba, **Roberto Nicolato** é autor dos romances *A caminhada ou O homem sem passado*, *Do outro lado da rua* e *Pacto*. Publicou no ano passado o livro de contos *Nos domínios de Leviatã & Outras histórias*. Esta é a segunda coleção de poemas do autor, com a qual foi contemplado com o prêmio Outras Palavras, promovido pelo governo do Estado Paraná. Roberto Nicola-to é mestre e doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná (UFPR).

SOBRE A EDITORA



A **ABC Projetos Culturais** é uma editora paranaense independente, fundada em 2007, no município de Ponta Grossa (PR), pela escritora e jornalista Alessandra Pirroncello Bucholdz. Ao longo de 17 anos, lançou cerca de uma centena de livros e revelou diversos escritores paranaenses. Em 2024 foi finalista do Prêmio Jabuti Acadêmico, com a obra *Espeleopiraiá: em defesa do patrimônio natural de Piraiá da Serra/PR*, organizada por Henrique Pontes e Laís Massuqueto.

Além da produção editorial, a ABC Projetos Culturais promove ações de incentivo à leitura, utilizando várias linguagens complementares, como forma de interação e interface do público com as obras. Desse modo, provoca novas experiências, tornando o acesso à literatura ainda mais completo, mágico e imersivo, promovendo memórias afetivas que unem obras e leitores. A ABC Projetos acredita na leitura como pilar e caminho que inspiram e abrem janelas para diferentes universos.

Acompanhe os trabalhos da editora pelas redes sociais:

@abcprojetosculturais

SINOPSE

O que é a poesia senão encantamento, contemplação; o ato de desvendar o óbvio, criar afeições, compartilhar o ato da criação, fé e resistência contra a desumanidade.

Nesta coleção de poemas, o escritor Roberto Nicolato navega pelas águas turvas do tempo que silencia, no espaço oco de homens deserdados, avessos à ciência, ao pulsar da vida.

Este livro testemunha um tempo atroz, que nos deixou marcas profundas, indelévels, na memória e que está a nos assaltar e, por isso, nos quer atentos.

Deve ser lido como quem faz uma prece, nas artimanhas do amor e da morte, na observação contumaz do universo e do nosso caminho irremediável ao mistério.

Este livro nos quer livres, apaziguados, serenos diante do universo, como quem acredita na palavra, na poesia que redime e nos alimenta de compaixão e esperança.

[POESIA]

